

Os irmãos, o operário, o 1º: conheça vítimas enterradas em vala clandestina durante a ditadura.

Os irmãos, o operário, o 1º: conheça vítimas enterradas em vala clandestina durante a ditadura. 24 de Outubro de 2017 , 8:03

Atualizado em 24 de Outubro de 2017 , 8:40

Os irmãos, o operário, o 1º: conheça vítimas enterradas em vala clandestina durante a ditadura.



Amanda Perobelli/UOL

Fonte: Aiuri Rebelllo Do UOL, em São Paulo.

"Trago em meu corpo as marcas do meu tempo", diz a placa em homenagem às vítimas da ditadura militar no cemitério Dom Bosco, em Perus (SP) O totem de concreto solitário foi erguido com aproximadamente um metro e meio de altura. No topo, traz uma placa de metal onde estão gravados 31 dos literalmente milhares de nomes que pretende homenagear. É cercado por mudas ainda raquílicas e secas, colocadas ali para um dia virarem um pequeno bosque de ipês amarelos.

O tributo é discreto e pode tranquilamente passar despercebido por quem não souber de antemão que está ali, no gramado ao lado do prédio da administração e dos velórios no Cemitério Municipal Dom Bosco, em Perus, em uma área remota da zona norte da capital paulista.

O memorial foi inaugurado no início deste mês pela Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania, pela Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente e pelo Serviço Funerário do Município de São Paulo. Homenageia vítimas da ditadura na capital paulista que desapareceram e foram jogadas ali, a cerca de 300 metros do totem, na vala clandestina onde foram descobertos mais de mil corpos. A placa traz o seguinte texto:

"Neste cemitério foram sepultadas vítimas da repressão numa época em que as forças do Estado reservavam-se o direito de torturar e matar quem ousasse defender a democracia. Enterrados às pressas, quase sempre como desconhecidos, Enterrados às pressas, quase sempre como desconhecidos, sob o manto de um esquema perverso de ocultação de cadáveres implantado com a colaboração da prefeitura e seus servidores".

"Essa é uma homenagem da Prefeitura de São Paulo aos mortos e desaparecidos da ditadura militar cujos corpos, identificados ou não, foram acolhidos por este solo em sua trajetória de resistência e esperança", segue o texto da placa.

Além de Perus, receberão o memorial até o final de outubro os cemitérios de Campo Grande (zona sul da cidade) e Vila Formosa (zona leste). Em comum, os três locais abrigavam valas coletivas clandestinas, usadas por agentes da repressão usadas por agentes da repressão para sumir com os corpos de presos políticos assassinados, invariavelmente sem chance de defesa após sessões de tortura ou emboscadas.

Todos os homenageados eram militantes de partidos, sindicatos ou organizações de esquerda. Muitos entraram para a luta armada, outros apenas exerciam o direito negado de discordar do governo militar. A maioria era jovem, com menos de 30 anos. Todos foram assassinados sem chance de defesa. Em todos os casos, a Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos do governo federal, instaurada pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB), reconheceu a culpa do Estado brasileiro nas mortes.

Cenário de holocausto: mil corpos na vala comum.



L.C.Leite / FolhaPress

4.set.1990 - Uma das mais de mil ossadas achadas na vala comum de Perus

Em Perus, a vala clandestina foi oficialmente aberta em 1990 --embora já houvesse sido descoberta em 1989-- na gestão de Luiza Erundina (então PT, hoje PSOL). Há muitos anos sabia-se que várias vítimas tinham sido jogadas lá. Fora Foram encontradas 1.049 ossadas sem identificação. Além dos presos políticos, eram desovados ali vítimas dos esquadrões da morte e indigentes em geral.

Na época, a prefeitura fez um convênio com a Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) para estudo das ossadas. Foram identificadas apenas 12 pessoas. Em 2002, as ossadas foram levadas para o Cemitério do Araçá, em São Paulo, sob responsabilidade da USP (Universidade de São Paulo).

Em 2014, uma parceria da então Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República, da SMDHC (Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania de São Paulo) e da Unifesp (Universidade Federal de São Paulo) retomou o trabalho de identificação.

A maior parte dos restos mortais da vala jamais foi identificada. Documentos encontrados no próprio cemitério ou registros achados pelos familiares ou pelas comissões de mortos e desaparecidos, assim como documentos do regime militar, atestam que eles foram sepultados nesses locais.

Abaixo, conheça algumas dentre milhares de vidas anônimas que encontraram o fim de suas histórias na vala clandestina de Perus.



Arte/UOL

Montagem mostra retratos de vítimas da ditadura.

A primeira vítima.

Reprodução/Comissão da Verdade



Pai de quatro filhos, o operário Joaquim Alencar Seixas foi a primeira vítima da ditadura a ser enterrada em São Paulo sem identificação na vala comum clandestina do então recém-inaugurado Cemitério Municipal Dom Bosco, em Perus, em 1971.

Militante de organizações e partidos de esquerda desde antes do golpe militar, em 1964, foi assassinado no porão do DOI-Codi, órgão de repressão ligado ao Exército, em São Paulo, aos 49 anos. Seixas foi perseguido desde o primeiro dia do golpe, na fábrica onde trabalhava e exercia liderança sindical.

Conseguiu escapar, aprofundou sua militância e envolveu-se na luta armada junto ao MRT (Movimento Revolucionário Tiradentes) --a ele são atribuídos roubos e o assassinato de um empresário amigo do regime. O operário foi preso junto com o filho, Ivan, na época com 16 anos e também militante do MRT, a mulher e as filhas, que não tinham atuação política. Pai e filho foram torturados juntos, um em frente ao outro. A mulher e as filhas de Seixas ficavam em uma cela ao lado, onde podiam ouvir os gritos dos homens.

Os jornais publicaram a versão oficial sobre sua morte --um confronto com as forças de segurança-- um dia antes de ele ir parar na vala comum de Perus, enquanto ainda estava vivo e sofrendo tortura.

Leia mais em:

<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/09/30/memorial-homenageia-vitimas-da-ditadura-na-vala-clandestina-de-perus-conheca-historias-de-quem-foi-parar-ali.htm>

[Enviar para impressão](#)